

Formulário de atendimento com campos para nome, data, endereço e assunto. O assunto é "Defesa Civil".

CHUVAS | Moradores das áreas atingidas tiram o dia para fazer faxina e contabilizar as perdas com o aguaceiro

Famílias fazem um balanço dos prejuízos

DANILE REBOUÇAS E MEIRE OLIVEIRA

dreboucas@grupoatende.com.br
moliveira@grupoatende.com.br

Com a estiagem de ontem, as famílias que tiveram as casas invadidas pela água da chuva e lama tiraram o dia para fazer faxina. No quintal ou na frente das casas estavam os colchões pendurados para secar, com os poucos raios de sol que apareciam. Os móveis e eletrodomésticos estavam sobre madeiras, engradados de garrafas, baldes, blocos e qualquer outro tipo de suporte para separar os utensílios do chão.

Estantes, televisores, rádios e roupas permaneceram sobre sofás e lastros de camas. Na Rua Adutora, no bairro de São Cristóvão, as famílias fizeram um balanço dos prejuízos enquanto outras conseguiram ficar longe do problema. Cássia Souza Conceição, 26 anos, depois de acordar, com a filha com 9 dias de nascida, chorando sobre o colchão encharcado, foi para a casa da sogra, em Brotas.

Na casa dela, a geladeira ainda funciona, mas cheia de lama. "Ela foi com os dois filhos menores e deixou os outros três comigo", disse a mãe de Cássia, Cândida Alves de Souza, 44 anos. A vizinha dela, Marcele Souza Conceição, 24 anos, perdeu toda a compra do mês. O armário onde guardava arroz, fei-

jão, açúcar e outros mantimentos foi destruído.

No dia seguinte ao desastre que deixou a doméstica Tereza Marinho, 56 anos, sem casa em Cajazeiras IV, o proprietário de uma casa de material de construção, Sérgio Ferreira, procurou a família e prometeu ajuda. Segundo a filha de Tereza, Luciana Marinho, 31 anos, a mãe não quer aceitar morar em um dos imóveis oferecidos por Ferreira.

"Ela teve uma noite péssima. Aqui só tem quatro cômodos para caberem oito pessoas. Queria sair de casa na madrugada para ver o que sobrou da casa. Não quer ficar perto do lugar do desastre. Ele (Ferreira) prometeu que vai comprar tudo que ela perdeu e depois da reconstrução da contenção vai fazer outra casa para minha mãe", contou. Uma das funcionárias da loja de material de construção confirmou que Tereza será ajudada e que a contenção será construída de acordo com normas estabelecidas pela Codelsa.

DESTRUIÇÃO - Izaltina dos Santos, 50 anos, moradora da Via Regional, por exemplo, teve a sua casa destruída. Ela é catadora de materiais recicláveis e está sem moradia desde ontem, dependendo da ajuda dos vizinhos.

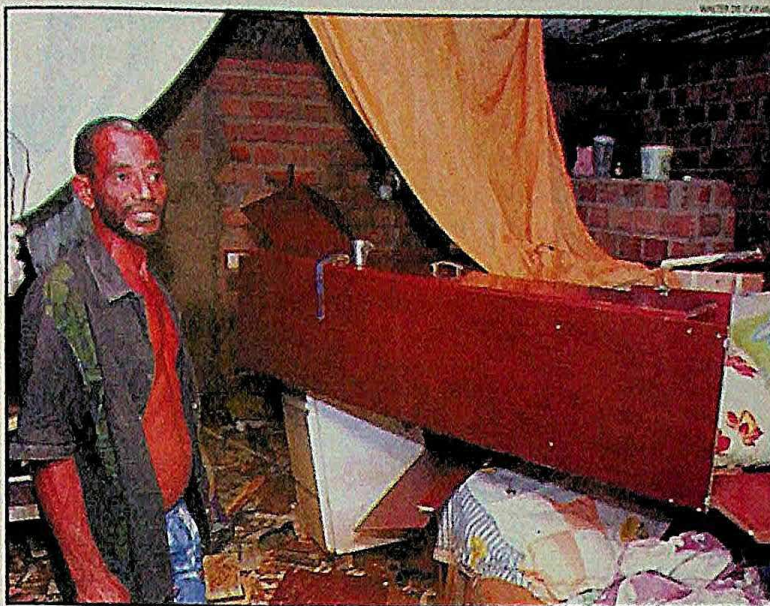
Ela e os quatro filhos dormiram na casa de uma amiga, almoçaram

na casa da vizinha Jaciara Santos, 51 anos, e até o final da manhã não sabia onde iria dormir. "Internei meu filho deficiente, Tiago Santos Silva, no Hospital Mário Leal, e vou esperar o rapaz que me prometeu a chave do quarto que está vazio, aqui na frente, trazer a chave", disse a catadora.

Na Estrada Velha do Cabrito, ligação da Suburbana com Pirajá, a lama espalhada por toda a via e algumas poças lembravam a situação crítica em que a rua ficou. Nas imediações do Rio do Cobre, Parque São Bartolomeu, as águas baixaram o nível e as famílias puderam começar a arrumar os móveis em casa.

Ontem pela manhã, o sentimento de revolta fez o pedreiro Profiro Mercês dos Santos, 45 anos, arrombar a porta para mostrar os efeitos da enxurrada que invadiu a casa onde mora com a filha, Patrícia Soares dos Santos, 22 anos, e o genro. Após perder tudo, a família dormiu na casa de um vizinho e ainda não tem outro lugar para morar.

No único vão que servia de moradia, a lama ainda está sobre a cama, roupas, estante e fogão, além do guarda-roupa comprado há dois meses. "Estou usando roupa emprestada do vizinho, e minha filha não pode trabalhar, pois está sem ter o que vestir", disse, revoltado, o pedreiro.



Profiro Mercês dos Santos dormiu na casa do vizinho: nem roupa restou para a família vestir

Prefeito evita falar da situação

REGINA BOCHICCHIO E REDAÇÃO

reginab@grupoatende.com.br

Falar com o prefeito de Salvador, João Henrique Carneiro, está difícil. No dia seguinte à tragédia no bairro de Castelo Branco, cujo deslizamento de encosta causou a morte de três pessoas (pai, mãe e uma criança de um ano), o secretário de Comunicação, Jair Mendonça, disse que o prefeito não falaria sobre os estragos causados pela chuva por estar com a agenda lotada.

A TARDE entrou em contato com o secretário às 8h da manhã de ontem e foi informada de que o prefeito iria a Castelo Branco, onde ocorreram as mortes. Durante a manhã, das 8 às 12h30, A TARDE visitou, com duas equipes, os locais atingidos

pela chuva, em Salvador. Uma das equipes ficou em Castelo Branco, ouvindo testemunhas do deslizamento e aguardando o prefeito. João Henrique não apareceu. Quem foi a Castelo Branco, às 10h30, foram os técnicos da Sumac e Codesal. O líder comunitário, Edvaldo Santos Damaceno confirmou, às 18h40, que o prefeito não foi a Castelo Branco durante o dia.

Às 15h30 de ontem, o secretário de Comunicação ofereceu, no lugar da entrevista com o prefeito, outra com o superintendente da Codesal, Francisco Costa.

A TARDE insistiu no prefeito. As perguntas que João Henrique deixou de responder: Em quais "obras emergenciais" teriam sido aplicados os R\$ 60

milhões do 13º salário do funcionalismo público que, segundo reportagem publicada em A TARDE dia 14 de outubro, teriam sido usados para este fim? Quanto se gastou em cada uma das obras? Os pontos críticos da cidade teriam sido beneficiados ao longo do ano?

Em entrevista concedida para A TARDE na última segunda-feira, Adriano Peixoto, da Superintendência de Urbanização da Capital, citou obras realizadas. Disse que R\$ 3 milhões foram investidos entre 2005 e 2006, com 80% das obras concluídas. Fica outra pergunta: A realização dessas obras resultou na diminuição dos estragos causados pelas recentes chuvas? São questões que o prefeito ainda não respondeu.

Água não baixa em Medeiros Neto

MARIA EDUARDA TORALLES |

SUCURSAL FERNANDES

toralles@grupoatende.com.br

A chuva deu uma trégua ontem no município de Medeiros Neto, a 885 km de Salvador, mas o volume do Rio Itanhém, que subiu três metros devido ao último aguaceiro, não baixou. Uma equipe da Defesa Civil do Estado chegou ontem ao município para avaliar a situação. Cerca de 400 famílias continuam desabrigadas e várias residências estão cobertas pelas águas do rio. No centro da cidade, na

Praça Sete de Setembro, canoas ainda estão sendo utilizadas como meio de transporte. "A chuva parou, mas ainda estamos com medo. Está um mormaço muito forte, se chover hoje à noite, as coisas podem piorar", disse Sérgio Alexandrino, da Prefeitura Municipal de Medeiros Neto. De acordo com Sérgio, ainda continua o desabamento de casas que foram mais atingidas pelas chuvas. Ontem, segundo ele, 20 residências teriam desabado.

Há 38 anos, em 1968, o município, que é cortado pelo

Rio Itanhém, foi atingido por uma enchente de proporções maiores, mas, desde então, não houve registros de outros alagamentos. Devido às últimas chuvas, o leito do rio subiu mais de dois metros, encobrindo casas dos bairros ribeirinhos e atingindo o centro da cidade, obrigando o fechamento de grande parte do comércio local, onde a água chegou à altura de um metro.

Até o fechamento da edição, a equipe da Defesa Civil que está em Medeiros Neto não havia concluído a visita às áreas mais atingidas pela enchente.

Aquecimento favorece ocorrências

THIAGO FERNANDES |

LINE

thfernandes@grupoatende.com.br

O aquecimento global pode ser a explicação por trás da sequência de frentes frias que atingem Salvador e a Bahia nos últimos meses. A opinião é do meteorologista Ednaldo Araújo, chefe da Seção Nordeste do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), com base em Recife. Para ele, as maiores temperaturas globais registradas ao longo das últimas décadas, têm relação com o aumento da intensidade das chuvas observadas em toda a zona tropical do

planeta.

De acordo com Araújo, a chegada de frentes frias não é inesperada no litoral baiano em qualquer época do ano. "A Bahia, assim como todo o litoral nordestino, tem essa característica de atrair nuvens de chuva devido aos aspectos geográficos da região". Para o meteorologista, o principal efeito do aquecimento é a maior velocidade com que as frentes frias chegam a zonas tropicais.

"As massas de ar que chegam da Argentina normalmente se dissipam no oceano na altura do Rio de Janeiro, mas neste ano estão

atingindo com mais força regiões tropicais, como foi o caso da chuva dos últimos dias na Bahia".

O deslocamento acelerado das frentes é favorecido ainda pelo aquecimento das águas do Oceano Pacífico, fenômeno conhecido como El Niño, que ocorre neste ano com intensidade moderada.

Como resultado, Salvador registrou na última segunda-feira a precipitação de 77 milímetros, enquanto a expectativa para todo o mês era de 119 milímetros. Para os próximos dias, a previsão do Inmet é que a chuva continue em todo o Estado.